

SERVIÇO DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL HOSPITALAR: O TERRITÓRIO E O LUGAR: PARA UMA GEOGRAFIA POSSÍVEL

SERVICE OF HOSPITAL EDUCATIONAL ATTENDANCE: THE TERRITORY AND THE PLACE: FOR A POSSIBLE GEOGRAPHY

Angélica Macedo Lozano Lima

Mestre em Geografia, Secretaria de Educação do Estado do Paraná
gelylozano@gmail.com

RESUMO

O artigo a seguir apresenta as primeiras reflexões de uma pesquisa sobre a Rede de Atendimento Educacional Hospitalar – SAREH, (em andamento) que pretende analisar e refletir sobre as relações sócio-espaciais que se estabelecem no Território-Lugar hospital, onde estão inseridos os sujeitos da pesquisa: professores e alunos. Nessa discussão/reflexão tem o interesse em observar por meio do viés da Geografia Humanista-Cultural as questões pertinentes aos conceitos território e lugar, abarcando as relações de poder que se estabelecem ali. Tem a intenção de observar ainda as relações de afetividade e a importância desse atendimento para a continuidade dos estudos de alunos hospitalizados. O atendimento requer dos docentes uma postura que se volta para uma abordagem humanizada, portanto, que se preocupe com as relações sócio-espaciais e culturais e de identidade, devido às condições desses alunos. Por outro lado, o curto espaço de tempo de formação da rede Sareh requer uma profunda reflexão que leve à melhoria dos atendimentos. Dessa forma é de fundamental importância que se façam os estudos sobre o tema aprofundando os debates e as reflexões.

Palavras-chave: Geografia; atendimento educacional hospitalar; território e lugar

ABSTRACT

The article to follow presents an independent research on the Net of Hospital Educational Attendance - SAREH. It analyzes and it reflects on the partner-space relations that if establish in Territory-Place hospital, where are inserted the citizens of the research: professors and pupils. In this quarrel/reflection has the interest in observing by means of the bias of Humanist-Cultural Geography the pertinent questions to the concepts territory and place, accumulating of stocks the relations of being able that they are established there. The type of attendance requires of the professors a position that if return for a boarding of the Geography that is humanist, therefore, that if worries about the social relations, had ace conditions of the pupils. On the other hand, the short space of time of formation of the Sareh net requires a deep reflection that has taken the improvement of the work. Of this form it is of basic importance that if makes the studies on the subject going deep the debates and the reflections.

Word-key: Geography; hospital educational attendance; territory and place

INTRODUÇÃO

A rede de atendimento hospitalar SAREH (Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar) – Paraná constituiu a partir de 2007 uma trajetória marcada pela instalação e manutenção do atendimento aos educandos hospitalizados. Essa prática aponta um caminho de inovação e diferenciação do atendimento educacional

no país, junto ao SUS (Sistema Único de Saúde), com um atendimento institucionalizado.

A Rede SAREH, esta organizada no interior do setor de educação SEED – (Secretaria Estadual da Educação) que propicia o envolvimento de diversas equipes para atuarem na resolução dos problemas que vão surgindo no cotidiano das práticas pedagógicas dos professores ali inseridos e que ultrapassam as fronteiras da educação propriamente dita, que envolvem questões subjetivas inesperadas e ou inusitadas, como por exemplo, o estado psicológico do aluno, a sua família presente-não presente, a relação entre os profissionais da saúde-educação, entre outras.

Essas questões estão presentes quando os professores precisam reconhecer nos alunos as situações-problema e enfrentá-las concretamente, desenvolvendo ações que atinjam esse aluno e propicie que o mesmo dê continuidade ao processo de aprendizagem, considerando as diferenças curriculares, culturais e sócio-espaciais dos atores envolvidos, que provém das mais diferentes regiões do país e inclusive de fora dele.

Essa fase da educação no Brasil ocorre a partir da implementação da LDB (Lei de Diretrizes e Bases - 1988) que propõe novas práticas de inclusão, inclusive aos alunos hospitalizados, mas pode ser identificada como prática educativa, de acordo com (FONSECA, 1999, apud TEIXEIRA 2008), por exemplo, na década de 1950, no Rio de Janeiro, quando foi implantada no Hospital Bom Jesus, a primeira sala de aula hospitalar. Tanto a Lei de Diretrizes e Bases – (LDB), quanto o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), prevêm esse atendimento. Através da Lei dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes Hospitalizados (BRASIL, 1990) essa modalidade de ensino passa a ser difundida. Já em 1994, O Ministério da Educação e Cultura (MEC) define “As políticas de Educação e Educação Especial”, oficializando-a. Dessa forma, em 2002, com o documento “Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar” (BRASIL, 2002), as escolas passam a se preocupar novamente com essa educação especial.

A partir dessas proposições, a Secretaria da Educação (PR) passou a definir as bases para um atendimento humanizado e diferenciado aos alunos internados. A atuação passa por um processo de implantação ainda recente, que acompanha as prioridades de alunos e professores, e procura supri-las, sempre em busca de uma ampliação e atualização dos procedimentos, voltado para o debate reflexivo de várias políticas sociais de inclusão previstas na lei e que vão ao encontro das necessidades dos educandos.

Esse trabalho se organiza em torno das primeiras questões, que permitem tecer hipóteses sobre o atendimento hospitalar, tratando-se da questão de lugar e território em uma reflexão sobre as relações de poder, a construção de novas redes multiculturais de relacionamentos e também na discussão das linhas mestras que orientam as práticas dos professores de Geografia no Paraná: a Geografia Crítica. Esses temas serão abordados sob o olhar da Geografia Humanista-Cultural, que vai refletir sob tais assuntos.

Como se pode observar, a Geografia se instala dentro dos mais diversos contextos e nessa abordagem “o hospital”, ela pode ser vista sob o olhar de uma Geografia da Saúde, que atualmente trabalha com as questões preventivas (PEREHOUSKEI e BENADUCE, 2007, p. 37). As noções de território nesses estudos consistem, geralmente em delimitar áreas para organizar os processos de trabalho ligados aos órgãos da saúde, por meio de processos cartográficos. O estudo que se inicia, entretanto, permite olhar o território sob outros aspectos, que não seja o de delimitação de áreas, mas um observar que atenta para as relações humanas que se estabelecem dentro de um espaço, e, que podem ser diversas: desde as relações de poder, entre os grupos que se instalam no hospital (profissionais da área da saúde,

profissionais da educação, alunos), até as de identidade, as quais transformam esse “território” em lugar.

As relações de identidade e poder que se estabelecem, perpassam por vários territórios: o território “hospital” o território “estado lidado à educação” e o território “sala de aula”- que ao mesmo tempo é lugar. As discussões que se pretendem, são as que podem demonstrar até que ponto essas relações são realmente um campo de forças, se uma se sobrepõe, qual é a que permanece ou que tem mais capacidade de se impor ao longo do processo para formar ou reformar as identidades.

O que interessa também nesse estudo é descobrir se se estabelece um diálogo entre as abordagens crítica e humanista dentro de um território que se torna lugar e passa a ser um “espaço humanizado” em vista das relações de identidade que se formam ali, porque a partir do momento em que se passa a fazer parte de um espaço, a vivência cotidiana, as referências espaciais dentro da área delimitada, as relações topofílicas e topofóbicas entre os sujeitos e os objetos, fazem com que aquele ambiente se torne um lugar.

Sendo assim, essa pesquisa busca responder sobre o processo de envolvimento das práticas pedagógicas dos professores de Geografia na classe hospitalar, desenvolvendo os trabalhos por meio da pesquisa independente dentro da abordagem da Geografia Humanista-Cultural.

A presente pesquisa parte da observação da necessidade de conhecer detalhes relacionados ao contexto dessa iniciativa, aprofundando-a nos estudos geográficos. Desse modo, pretende-se contribuir através de questionamentos e análises que permitam compreender temas que perpassem pelos custos, investimentos da rede, resultados obtidos e os esperados, para se chegar aos profissionais envolvidos e as relações sócio-espaciais e discutir as abordagens Geográficas adotadas pelo Estado do Paraná (na educação do ensino fundamental e médio), quando se pretende estudar detalhadamente esse tema. Dessa forma, tem-se o interesse particular em interrogar sobre os processos gerais que permitiram à Secretaria da Educação implantar essa rede de atendimento, fazendo frente à uma necessidade social, com pessoas estigmatizadas por diversos tipos de enfermidades que as distanciam das salas de aula do ensino regular.

É importante mostrar que esse projeto se inicia a partir do envolvimento pessoal como trabalhadora da REDE SAREH, quando se desencadeia a necessidade de debruçar-se sobre tais assuntos e tentar compreender um pouco mais acerca dessa realidade, tendo em vista ampliar as reflexões sobre as diversas questões já lançadas, sob um enfoque basicamente qualitativo, utilizando prioritariamente duas categorias de análise: lugar e território, constituindo as bases de significados para a investigação, devido a “novidade” dessas ações.

Sob esse interesse, procura-se desenvolver uma pesquisa que, antes de tudo, é uma grande oportunidade de crescimento intelectual e que por sua vez, poderá contribuir aos estudos e debates no âmbito da Geografia Humanista-Cultural, que valoriza os estudos relacionados aos aspectos humanos e dessa forma pode revelar diversas características do cotidiano dos alunos e professores inseridos na educação hospitalar.

JUSTIFICATIVA

A Geografia e a educação no Brasil passam por grandes mudanças e a inclusão social é uma das facetas que regem as novas tendências. Essa inclusão abrange atualmente diversos grupos sociais: as pessoas com necessidades educacionais especiais em geral, os grupos indígenas, os negros, entre outros grupos até pouco tempo à margem da educação formal. Dessa forma, o ensino não formal estava presente, e em diversas

instituições como nas igrejas e nas organizações não governamentais que faziam/fazem o papel de preencher a “lacuna” deixada pelo poder público.

Diante de tal realidade, faz-se presente a necessidade de ampliar o atendimento aos grupos sociais mais diversificados: é a educação da diversidade, dos gêneros, etc. Desse modo, para continuar os estudos, os alunos internados que fazem parte de um grupo especial de inclusão, participam da classe hospitalar, já que muitos educandos estão impedidos de frequentar as escolas por sua condição de saúde.

Durante a revisão bibliográfica para tal pesquisa, observaram-se as informações dispostas na rede do Portal da Educação – Paraná sobre o SAREH, bem como diversos estudos relacionados à Geografia Médica, e muitos à Pedagogia. Na área da Geografia, mais especificamente, Geografia da Saúde encontram-se diversas referências relacionadas ao clima e saúde, ao uso dos sistemas modernos de cartografia e o mapeamento de áreas de risco ambiental, entre muitos outros.

Ainda sobre Geografia, é rara a produção sobre o tema sala hospitalar e discussões pertinentes ao território como conceito ligado às relações de identidade/poder, à formação de redes de relacionamentos, ao conceito lugar, às abordagens geográficas culturais, sobre o atendimento da Rede Sareh especificamente. Sendo assim, é prioridade compreender tais temas para que se possa desenvolver um trabalho adequado com esses alunos.

Como Geógrafa-professora, objetiva-se fazer um estudo mais aprofundado desse assunto, que visa contribuir com as reflexões e debates sobre o tema, dentro da Geografia Humanista-Cultural.

Na disciplina de Geografia, o papel do professor é relevante para a formação dos seus alunos, tanto nas noções de conhecimento e desenvolvimento do raciocínio geográfico bem como desenvolver neles não somente as noções espaciais, mas a formação para uma cidadania ativa, isto é, que se formem nos alunos os principais conceitos geográficos e a partir deles, que os mesmos possam ajudar a construir e modificar para melhor as suas relações de geograficidade.

Roberto Filizola, (2005) identifica a necessidade de passar a fase da Geografia decorada, seguindo os moldes das “gavetinhas” e trabalhar em favor de compreender melhor o mundo que nos cerca e, se observarmos a possibilidade que ora se apresenta, percebemos que “a grande área das Ciências Humanas” proposta para trabalhar na Rede Sareh é uma luz, porque desfragmenta – reúne – desengaveta as disciplinas e aponta um caminho. Como lidar com essa nova possibilidade?

Lana Cavalcante (2008) comenta que “esses aspectos do mundo contemporâneo revelam transformações que são muito mais que uma simples mudança de fatos e processos econômicos” (p.18), e que o contexto atual revela a face “de uma nova cultura, de novos processos de identidades” que surgem a todo o momento e isso aponta um espaço que se organiza por meio de uma desterritorialização/reterritorialização, o que gera a preocupação de uma Geografia que se reestrutura através de análises amplas, que demandam “conhecimentos integrados, interdisciplinares, abertos, na perspectiva da complexidade, que consigam abalar a tradição moderna de produção e conhecimento científico, principalmente aquela que tem dado maior ênfase a uma racionalidade objetiva, técnica e operacional” (CAVALCANTE, 2008, p. 18).

Como trabalhar tais aspectos com alunos “especiais”, em uma sala multifacetada e multiseriada? Como trabalhar a Geografia na relação com as demais disciplinas se é esse mesmo professor que deverá trabalhar a grande área das “Ciências Humanas” que abrange as disciplinas de História, Sociologia, Filosofia, Ensino Religioso? Qual a formação necessária para esse professor?

A Geografia como uma ciência plural, reafirma seu foco de análise no espaço (CAVALCANTE 2008, p. 18), entretanto, abre-se para a produção teórica que foca a realidade concebida, de um espaço geográfico que permite revelar essa realidade, nesse contexto percebe-se a face da Geografia Cultural que se manifesta através dos símbolos, dos signos, das representações culturais e espaciais, das novas formas de pensar e conceber espaços e que estão fundamentadas em abordagens humanizadas. Esse olhar da Geografia, segundo Cavalcante, é complexo, composto dos elementos subjetivos, sociais, psicológicos, entre outros e estão presentes nessa pesquisa proposta “o que encaminha o discurso geográfico na busca das interrelações entre esses elementos” (p.19). Sendo assim, acredita-se ser de suma importância compreender como se dão tais relações, aprofundando os questionamentos e instigando aos debates. As primeiras questões que se busca responder são as seguintes:

- Como se organiza o lugar “sala de aula”, dentro do território hospital e qual o papel do professor de Geografia nesse lugar/território?
- Como se estabelecem as relações sócio-espaciais dos atores que chegam à sala hospitalar?
- Qual a formação necessária do professor de Geografia para atuar efetivamente no atendimento (inter/multi/transdisciplinar) em uma sala multisseriada?
- Como a inserção de alunos em sala hospitalar pode contribuir para a sua formação?
- Dentro dessa prática pedagógica, existe um diálogo entre a Geografia Crítica (adotada pelas diretrizes do Paraná) e a Geografia Humanista-Cultural que “perpassa” pelo atendimento e pode ser observada de forma subjetiva?

Há duas hipóteses fundamentais que levaram ao interesse da pesquisa:

1. O “território hospitalar”, que é ao mesmo tempo lugar e território aponta um perfil de professores e alunos (des/re/territorializados) estes de suas identidades, salas e escolas formais e aqueles das suas casas e escolas formais - para dentro do hospital.
2. Existe atualmente um diálogo entre a linha de ação do Estado – Geografia Crítica e a abordagem Humanista-Cultural, que mesmo vista com parcimônia pelo setor de educação (PR) se fazem presente, já que o atendimento hospitalar requer diversos saberes do professor de Geografia, um dos principais é observar com sensibilidade. A abertura para uma Geografia que desponta e trabalha a interdisciplinaridade e multidisciplinaridade, desfragmentando os saberes.

Dessa forma, pretende-se alcançar alguns objetivos a fim de respaldar as discussões sobre o tema:

O objetivo geral deste trabalho é revelar o território - o lugar e os sujeitos envolvidos na “sala de aula no hospital”, a partir de análises gerais que pretendem identificá-los desde o processo de constituição desse espaço, até as relações sócio-espaciais que o envolve, abordando-os a partir da perspectiva geográfica-cultural. Para alcançar esse objetivo tivemos os seguintes objetivos específicos:

- Inicialmente analisar o processo de constituição e implementação da rede Sareh no Paraná, bem como as transformações ocorridas, traçando um histórico que permitiu a formulação de ações voltadas às práticas pedagógicas;
- Reconstruir através de pesquisas e entrevistas a trajetória de professores (das três grandes áreas: Ciências Exatas, Humanas e Linguagem) que atuaram/atua na rede;
- Reconstruir através de pesquisas e entrevistas a participação de professores (de Geografia) e as suas contribuições nesse atendimento, bem como organizar as práticas pedagógicas utilizadas e que tiveram resultados (satisfatórios ou não) e a

linha teórica adotada pelos mesmos para ser fonte de dados nas discussões anteriormente propostas.

- Refletir e apontar sobre aspectos da formação do professor de Geografia, tratando das demais disciplinas humanas e na sala multiseriada e multifacetada;
- Mapear a rede de atendimento no Paraná e Curitiba: a relação local-quantidade de alunos e profissionais envolvidos, o local de origem dos atendidos, e em quais localidades se pretende instalar o atendimento;
- Analisar a sala de aula no “território hospitalar”, do Hospital das Clínicas (Curitiba) que é ao mesmo tempo lugar e território traçando um perfil dos professores e alunos desterritorializados, através de mapas mentais e outras técnicas de entrevistas;
- Fazer uma análise da desterritorialização-reterritorialização dos atores envolvidos, já que cada ator social tem uma imagem mental de seu lugar de origem e do lugar que ocupa atualmente dentro do hospital.
- Analisar como ocorre o diálogo entre a Geografia e as outras disciplinas Humanas - (História, Filosofia, Sociologia e Ensino Religioso) sob o novo contexto de relações sócio-espaciais.
- Analisar e refletir sobre o atendimento aos alunos em geral;

Esses objetivos focam a pesquisa, norteando-a, desde a organização metodológica da pesquisa, até a escolha das bases teóricas para a sua produção. Dessa forma, baseia-se em alguns autores que estudados preliminarmente, fornecem os fundamentos:

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Essa pesquisa pretende valorizar as questões culturais pertinentes à Geografia através de análises e reflexões sobre território, lugar e suas relações, sobre as práticas educativas e sobre a inclusão social, nesse caso de um grupo que forma a Rede Sareh, do atendimento educacional hospitalar. Essa reflexão é proposta da própria Geografia Humanista-Cultural, que se estabelece concretamente a partir dos representantes que adotam esse viés na busca de propostas teóricas pós-modernas que (re) marcam a importância dos termos lugar e território, dotando-os de novos significados, relacionados ao campo cultural e social.

Quando resignificam-se os conceitos de território e lugar numa análise geocultural, devem-se levar em conta os dois aspectos fundamentais do território: o espaço social e o espaço cultural, os dois estão permeados pelas relações emocionais, hierárquicas, políticas, econômicas: “O espaço social é produzido; o espaço cultural é vivenciado. O primeiro é concebido em termos de organização e de produção; o segundo em termos de significação e relação simbólica. Um enquadra, o outro é portador de sentido” (BONNEMAISON 2002, p.104)

O lugar está envolto sob o signo do território, no qual se instala a Rede Sareh, composta por um grupo de pessoas/profissionais que se deslocaram de seus lugares e (postos de trabalho nas escolas da rede pública para um atendimento dentro de uma unidade hospitalar). Nesse lugar-território, não se pensa em um atendimento lúdico ao aluno, mas que se permita que o mesmo dê continuidade aos estudos dentro do hospital e após sair dele. Entretanto, qual a identidade do professor nesse lugar? E qual a do aluno? A quem pertence esse lugar? Quais relações permeiam essas ações? É uma temática recente e que merece aprofundamento e são pertinentes à Geografia Humanista-Cultural.

O interesse pelo campo cultural em Geografia remonta ao período clássico (CLAVAL, 1999) e atualmente se direciona opostamente a esse período, pois visa justamente compreender a diversidade dos saberes, das culturas, dos grupos sociais, das etnias, enfim, de toda a gama de particularidades que possam distinguir um grupo do outro e

proporcionem o seu entendimento. Desse modo, passa a valorizar aspectos relacionados à percepção humana, aos simbolismos, às representações, todos, ligados às questões muito interiores ou subjetivas e que requerem atenção especial nas interpretações.

Um dos mais importantes conceitos no viés cultural é lugar (HOLZER, 1999). O conceito lugar em Geografia Humanista-Cultural é algo que se insere em um espaço que é amplo, é algo conhecido, palpável entre os sentidos e dotado de valor, que contém histórias, lembranças, que contém o espaço de ação do corpo, que é conhecido e reconhecido e faz parte da identidade e da vivência cotidiana: pode ser um bairro, uma rua, uma sala, uma calçada, uma sala de aula no hospital... é um lugar. Nessa pesquisa, ele está envolvido por um território – o hospital: um novo espaço vivido e que pode ser considerado “[...] estrutura íntima do espaço tal qual nos aparece em nossas experiências concretas de mundo como membros de um grupo cultural. Ele é intersubjetivo e, portanto, permeia todos os membros daquele grupo [...]. (RELPH, 1976, p. 12).

Se o lugar pode ser considerado como um espaço que permeia as relações entre os sujeitos, ele pode ser compreendido por meio das relações interpessoais: “lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade concreta a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhes dão significados”. (TUAN, apud HOLZER, 1999, p. 70).

Dallabrida (1999, apud PEREHOUSKEI e BENADUCE, 2007, p. 39) considera que território e lugar estão muito mais relacionados à ideia de domínio ou gestão de um espaço. Tais autores consideram que a noção de território exprime a relação entre determinado grupo em certo recorte espacial, transformado através de uma apropriação ou de dominação.

Por outro lado, se analisarmos o território sob a perspectiva Naturalista, é possível obter uma visão mais ampla e integrada desse conceito, pois o território segundo Haesbaert, (2002 apud PEREHOUSKEI e BENADUCE, 2007, p. 39) também envolve o campo dos sentidos e da sensibilidade humana, e parece confundir-se com lugar. Helpf mostra que lugar é um espaço que abarca as ações corporais e um conjunto de relações:

Espaço vivido: [...] estrutura íntima do espaço tal qual nos aparece em nossas experiências concretas de mundo como membros de um grupo cultural. Ele é intersubjetivo e, portanto, permeia todos os membros daquele grupo, pois todos foram socializados de acordo com o conjunto de experiências, signos e símbolos. (RELPH, 1976, p. 12).

Sob essas duas perspectivas, o território envolve um lugar ou ele mesmo pode ser transformado em um lugar. De acordo com Haesbaert, o território é a apropriação de um espaço onde a mobilidade é regulada:

O território tem um sentido mais amplo que região, pois envolve as múltiplas formas de apropriação do espaço, nas diversas escalas espaço-temporais. Se antes a territorialidade era vista muito mais como fixação e (relativa) estabilidade, hoje, o território também se constrói numa espécie de “mobilidade controlada. (2002, p.135, apud PEREHOUSKEI e BENADUCE, 2007, p. 39).

Na área que abrange essa pesquisa, observam-se territórios de ação: o hospital, o conjunto que abarca a rede de atendimento, a sala de aula. Na discussão que se pretende, busca-se compreender as relações que se formam e as construções/modificações dos territórios ou lugares. As questões pertinentes dessa pesquisa vão buscar respostas entre um e outro conceito, pautando-se inclusive de outras abordagens que agregam mais significados e considerações importantes, como a Geografia da Saúde.

A Geografia da Saúde é um amadurecimento da Geografia Médica e da Medicina Geográfica, desenvolvidas nos séculos passados. Estas se preocupavam apenas com a localização de ocorrências epidemiológicas, através de descrições e mapeamento das doenças e os locais que as mesmas apareciam com mais frequência ou em indicar as áreas de distribuição de patologias transmitidas por vetores (malária, doença de chagas, outras), segundo Perekouskei e Benaduce (2007).

Os estudos relacionados à ocorrência de doenças foram feitos por médicos sanitaristas e faziam parte da Medicina Geográfica, (Perekouskei e Benaduce (2007). No Brasil, o interesse dessa abordagem perpassou por projetos de integração territorial ao mapeamento de doenças através do (SIGs). A partir do final do século XX, os geógrafos interessados na área da saúde desenvolveram muitas pesquisas direcionadas às ações preventivas, de monitoramento e de administração dos serviços de saúde, utilizando como principal ferramenta, os Sistemas de Informações Geográficas (SIGs), muitas se relacionam a outras linhas como a da população, a Física, do Planejamento Urbano e Regional entre outras. A questão do território entra na abordagem da Geografia da Saúde atualmente pela necessidade de uma delimitação das áreas “territorialização” de atividades de saúde e que segundo (Malta et al, 2001, p.1.189 apud Perekouskei e Benaduce 2007), facilita a identificação de uma área de abrangência de postos de saúde por exemplo, facilitando o trabalho.

Por outro lado, Suertegaray (2000) explica que o conceito território pode ser visto historicamente sob o olhar político, de dominação/apropriação, sob a perspectiva da identidade e associado à ideia de natureza e sociedade configuradas por um limite de extensão do poder, isto é, esse espaço territorializado se configura como um campo de trocas de relações de força que se expressam no espaço, um espaço que se modifica constantemente, ou seja, ele se dissolve dependendo da ação que ocorre nele e se retorritorializa em outro. Suertegaray comenta que atualmente há a flexibilização do conceito que permite trabalhá-lo em torno de grupos coexistentes num mesmo espaço físico em tempos diferentes e, mais além, no mesmo espaço físico e ao mesmo tempo (proposta dessa pesquisa). Ela explica que essas territorialidades são voláteis, estão associadas ao conceito de domínio/apropriação/dominação, entretanto, elas estão associadas ao “tecido social”, portanto, devem ser analisadas e explicadas pela dimensão relacional.

A pesquisa que se inicia, estuda uma rede que começou pequena e ainda está jovem (dois anos), conta com seis unidades em Curitiba e outras em Maringá e Londrina. É de fundamental importância que se revelem as relações que ocorrem no interior da Sede Sareh para que a humanização favoreça o atendimento das pessoas. A desvalorização acontece em todas as esferas da vida: a desvalorização do próprio trabalho humano, da vida humana em si. (UNGER, 2001). Isso é perceptível por meio de observações de atos de discriminação, falta de sensibilidade, de relações de poder que visam apenas a acomodação das pessoas sem atentar para as possibilidades de mudanças. Esse trabalho pretende compreender, analisar e refletir sobre as questões que são propostas, através de conceitos de lugar, território, sob o olhar da Geografia Humanista-Cultural. Dessa forma, a próxima parte são as etapas que ocorrem na pesquisa em andamento:

É uma pesquisa relacionada ao atendimento educacional hospitalar. Aponta para as questões pertinentes da Geografia que vão desde a compreensão de conceitos relacionados ao território hospitalar, ao lugar hospital – sala de aula, até as questões que dizem respeito às relações sócio-espaciais dos diversos grupos envolvidos nesse contexto muito particular. As explorações, pesquisas e análises a ser feitas são baseadas em qualidades e descrições articuladas por uma observação sensível do pesquisador que se põe como parte do objeto que analisa.

Segundo Goldenberg (1997), numa pesquisa, é preciso nortear as etapas para a sua produção, desde a delimitação do objeto de estudo, as pesquisas bibliográficas e todos os levantamentos necessários, até as de produção do texto, para poder realizá-la com sucesso. Essa pesquisa será construída inicialmente a partir do resgate histórico que marca as trajetórias e as transformações ocorridas no espaço de ação da Rede Sareh no Estado do Paraná, principalmente, sem deixar de apontar as ações ocorridas no país desde as primeiras ações do atendimento a alunos internados. As questões empíricas serão submetidas a uma análise qualitativa baseada na experiência vivida no cotidiano da sala hospitalar.

Sendo assim, as pesquisas bibliográficas se concentram em torno das produções relacionadas ao tema em geral e que irão se delimitando ao Paraná. Para complementar a pesquisa bibliográfica, os trabalhos de campo têm por objetivo entrevistar pessoas que trabalharam, as pioneiras, ou outras que ainda trabalham no Sareh e construir uma base estrutural do período em análise.

Toda a trajetória histórica esta baseada em pesquisas bibliográficas, documentais e entrevistas semi-estruturadas que serão aplicadas aos atores profissionais e outros. Parte dos dados obtidos da pesquisa empírica formará uma base para a construção dos mapas temáticos e reflexões.

A pesquisa toma como ponto de partida os textos expostos nas páginas do portal da educação, bem como de uma palestra, vivências pessoais no local com pessoas relacionadas ao atendimento Sareh no setor da educação e que estão “na liderança das ações” que ocorrem na rede Sareh. As informações preliminares ajudaram a formar as primeiras questões sobre a recente instalação do serviço de atendimento educacional hospitalar. Dessa forma, observou-se a necessidade de amplos estudos que possam auxiliar no entendimento das relações/ações que ocorrem no interior da unidade de atendimento.

Os primeiros levantamentos (bibliográficos/palestras) apontam que a formação da rede Sareh se inicia a partir das ações de Dona Margarida Muggiati em 1987 e culmina com o atendimento oficial da Secretaria da Educação do Paraná em 2007. É importante ressaltar que a análise e compreensão dessa trajetória é relevante para evidenciar os caminhos percorridos, quais as conseqüências positivas e negativas dessa vivência.

As reflexões sobre a formação dos professores de Geografia se completarão através de entrevistas semi-estruturadas com professores, questionando-os a respeito dos conteúdos relacionados à geografia da Saúde em instituições de ensino superior e na opinião dos mesmos a respeito da formação necessária para que o docente assuma tais funções dentro da sala hospitalar, dando ênfase ao atendimento multiseriado e interdisciplinar.

A parte que objetiva a produção dos mapas temáticos ocorrerá a partir das experiências de vivência, observando o professor e o aluno em questão, a fim de obter dados que formem a temática dos mapas, como aponta Martinelli (2006). As questões relacionadas às concentrações, origem dos alunos, ficarão a cargo de informações obtidas no setor de educação e que depois de levantados, formarão um banco de dados como base para os mapas relacionados.

A análise do atendimento passará por um período de observações que leva em conta o trabalho cotidiano no ambiente estudado e proporcionará os dados relevantes acerca da realidade ali vivenciada. Pretende-se fazer ainda, as reflexões sobre desterritorialização-reterritorialização dos atores envolvidos, utilizando-se dos textos de DELEUZE & GUATTARRI (2008), com a obra Mil Platôs, ainda em fase de estudo.

Tem-se a intenção de fazer um diálogo entre a linha de ação do Estado – Geografia Crítica (Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná 2007) e a abordagem Humanista-Cultural. É importante frisar que o atendimento hospitalar requer diversos saberes do

professor de Geografia, um dos principais é observar com sensibilidade. Essa observação vai ao encontro do saber humanizado, já que propicia ao docente, descobrir diversas facetas do seu aluno através da observação sensível. Como fazer essa ponte entre as exigências de se adotar uma linha totalmente crítica com necessidade presente de observar, de escutar, de ser sensível, de sensibilizar:

O ofício do professor no hospital apresenta diversas interfaces (política, pedagógica, psicológica, social, ideológica), mas nenhuma delas é tão consistente quanto a da disponibilidade de estar com o outro e para o outro. Certamente, fica menos traumático enfrentar esse percurso quando não se está sozinho, podendo compartilhar com o outro a dor, por meio do diálogo e da escuta silenciosa. (FONTES, 2005, p. 123).

Sendo assim, adota-se como linha mestra a Geografia Humanista-Cultural na proposta de um diálogo com a Geografia Crítica, tentando estabelecer essa ponte. Essa é a hipótese do trabalho: é possível trabalhar a linha da Geografia Crítica, estabelecida pelo Estado (PR), em um ambiente hospitalar lugar-território onde se faz necessária a presença de um profissional polivalente, dotado do saber de várias disciplinas, atualmente engavetadas e separadas, mostrando-se um observador sensível? Como fazer frente a essa necessidade sem afrontar as duas bases? Como e quais são territórios de ação dos sujeitos envolvidos nessas práticas sociais? Como se estabelecem tais relações sócio-espaciais? Como os professores das demais disciplinas lidam com esse novo desafio?

Para esse trabalho, ocorre a realização das seguintes etapas:

- Levantamento bibliográfico com objetivo de fundamentar as pesquisas e discussões, bem como as análises dentro da abordagem escolhida;
- Pesquisa documental relacionadas à Secretaria da Educação, Núcleos Regionais de Educação, Unidades Conveniadas entre outros de acordo com as necessidades que surgirem ao longo do processo de pesquisa;
- Trabalhos de campo nas redes conveniadas para as observações dos lugares e territórios e entrevistas com os sujeitos relacionados ao tema;
- Possibilidade de entrevistas coletivas (rodas de conversa), com o intuito de debater as percepções dos próprios sujeitos sobre as questões propostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A publicação deste trabalho inicial tem o objetivo de contribuir com as pesquisas sobre esse tema, pois a Rede Sareh é relativamente nova e não há muitas publicações a esse respeito. Inicialmente, essas são as etapas propostas, entretanto, segundo Goldenberg (1997), objetiva-se “um caminho possível”, e este, pode se modificar ao longo do percurso, adaptando-se às necessidades que aparecem ao logo dele. Todas as etapas anteriores culminam nas análises e discussões sobre o tema e são, portanto fundamentais. A observação, a escuta, a vivência é etapa que esta vinculada às demais e permite o entendimento de ações, de relações dos grupos estudados. Atualmente, além da pesquisa bibliográfica e documental, ocorrem paralelamente as observações iniciais diárias que já estão devidamente documentadas para futuras análises e demonstram que o trabalho faz uma grande diferença na vida das crianças e dos familiares que estão no hospital.

Nas primeiras observações, notou-se que os alunos internados na maioria das vezes, estão carentes de afetividade por estar em um ambiente diferente daquele da rotina diária, com certos medos e preocupações e, ao deparar-se com os professores, ficam extremamente satisfeitos, pois percebem que se há professores, é porque há mais crianças e adolescentes nas mesmas condições. Quando ocorrem os primeiros contatos, muitos alunos estão tímidos, assustados, com dores, sonolência, entre

outras e aos poucos, soltam-se e mergulham na aula. Alguns, entretanto, relutam em querer participar das aulas, devido a um estado mais debilitado. Para esses, faz-se as apresentações e um pequeno material é oferecido (cruzadinhas, desenhos para pintura, livros, revistas, etc.), o que torna a próxima abordagem mais fácil.

Nota-se que os professores da Rede Sareh são muito bem vindos no ambiente hospitalar pelos demais funcionários e médicos. Muitos alunos e alunas esperam ansiosamente o horário das aulas, pois dessa forma, eles têm certa ligação com o mundo fora dos muros do hospital.

É relevante destacar que as escolas de origem muitas vezes deixam de enviar o material necessário ao acompanhamento dos alunos, mas quando a escola de origem manda tais atividades, os alunos sentem grande alegria, pois percebem que lá de fora, há outras pessoas, além da família que também se preocupam com seu bem estar. Há casos de alunos que reclamam ter perdido atividades importantes e solicitam o contato para que eles possam realizar tais tarefas. Assim, ocorre uma ponte entre a escola, o atendimento educacional hospitalar e o aluno, com resultados muito encorajadores.

Essa é a etapa inicial de observações que visa principalmente aguçar o interesse pelo tema e posteriormente, após concluir todas as fases dessa proposta de trabalho, pretende-se estruturá-las sob um fio condutor que direcione através de um texto os resultados da pesquisa e organizar outras atividades relevantes a fim de contribuir para a reflexão sobre o assunto apresentando os resultados obtidos para um aprofundamento, reflexões e debates; contribuir para o alargamento dos debates da Geografia Humanista-Cultural na formação dos professores/alunos, demonstrando a viabilidade de práticas educativas em um diálogo permanente com a reflexão crítica e a reflexão sensível.

REFERÊNCIAS

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: **Geografia cultural: um século (3)**. (Orgs) Roberto Lobato Corrêa; Zeny Rosendahl. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 83-132.

BRASIL. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências. Brasília, 13 jul. 1990.

_____. **Política Nacional de Educação Especial**. Ministério da Educação e Cultura. Brasília, DF. 1994

_____. **Conselho Nacional de Educação**. Resolução CNE/CEB n.02, de 11 de setembro de 2001. Institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: MEC/SEESP, 2001

_____. **Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente**.

Resolução n.41 de outubro de 1995. Diário Oficial da União, Brasília, 17 out. 1995f.

_____. **Estatuto da criança e do adolescente**. Lei nº 8069/1990. Conanda. Ministério da Justiça/Secretaria de Estado dos Direitos Humanos/Departamento da Criança e do Adolescente, edição de 2002

_____. **Lei de diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9.394 de 23 de dezembro de 1996 CNE/CEB nº2 de 11 de setembro de 2001. Parecer CNE/CEB nº 17/2001 – Homologação

_____. **Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Especial, Brasília. DF, 2002

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia Escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Papirus, Campinas-SP, 2008

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis : Ed.UFSC, 1999.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

FILIZOLA, Roberto; CARVALHO, Alcione L. P. **A avaliação em geografia nas séries iniciais**. Universidade Federal do Paraná, Pró-Reitoria de Graduação e Ensino Profissionalizante, Centro Interdisciplinar de Formação Continuada de Professores; Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica – Curitiba Ed. UFPR, 2005

FONSECA, Eneida S. O papel do professor no ambiente hospitalar e a inter-relação da equipe pedagógica com a equipe de saúde e família da criança hospitalizada. Ed. UERJ, Rio de Janeiro, 2005

FONTES, Rejane de S. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. Revista Brasileira de Educação, vol. 29 – Universidade Federal Fluminense - Rio de Janeiro. maio/jun/jul/ago 2005

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. São Paulo: Record, 1997. 107 p.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro: ano IV, n. 7, p. 67-78, jul/dez. 1999.

_____. **A geografia humanista** – sua trajetória de 1959 a 1990. 1992. 645 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MARTINELLI, Marcelo. **Mapas da Geografia e cartografia temática**. São Paulo. Contexto, 2006

PEREHOUSKEI, Nestor A.; BENADUCE, Gilda M. C. Geografia da Saúde e as concepções sobre o território. **Gestão & Regionalidade** – Ed. UEM – Maringá, vol. 23 – nº 68 – set-dez/2007 –

PORTAL DIA A DIA EDUCAÇÃO: disponível em www.portaldiaadiaeducação.com.br/sareh acesso em agosto/setembro 2009

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**. Abr. 1979.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares para o Ensino de Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio**. Curitiba, SEED. 2007

SUERTEGARAY, Dirce M. A. Espaço Geográfico uno e múltiplo in: SUERTEGARAY, D.M.A. et al. (orgs). **Ambiente e Lugar no urbano: A grande Porto Alegre**. Ed. Universidade/UFRGS, Porto Alegre, 2000

TEIXEIRA, Ercília Maria A. **O ensino Fundamental na escola do hospital: Espaço da diversidade e cidadania**. Ed. UEPG; Ponta Grossa, 2008

TUAN, Yi-Fu. **Geografia Humanística**. In: CHRISTOFOLETTI, A. Perspectivas da geografia. São Paulo: Difel, 1982, p 143-163.

UNGER, Nancy. M. **Da foz à nascente**: o recado do Rio. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed. da Unicamp, 2001, 201 p.